

TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº. 48
ECT DR - S. C.



Blumenau

em cadernos

TOMO XV



Maio de 1974



Nº. 5

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústria Têxtil Companhia Hering

Artex S/A.

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Artur Fouquet - Blumenau

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Küchnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A.

Tecelagem Küchnrich S/A.

Malharia Blumenau S/A.

Blumenau *em Cadernos*

TOMO XV

MAIO DE 1974

Nº. 5

O QUE NOS FAZ PROSSEGUIR

Do Exmo. Sr. Dr. Professor Marcello de Ipanema, recebemos a seguinte missiva que muito nos desvanece e que, data venia, transcrevemos:

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1974

«Ilmo. Sr.
F. C. Allende
Casa Dr. Blumenau
Caixa Postal 425
Blumenau - SANTA CATARINA

Caro Senhor:

Em carta dirigida à Casa Dr. Blumenau, lamentei, com os intelectuais, a perda do operoso Prof. J. Ferreira da Silva, figura brilhante entre os cultores da História regional.

Blumenau em Cadernos, que cito em minhas aulas, que exibe como exemplo de publicação necessária e indispensável às histórias municipais, é um monumento a que a Casa, respeitando o denodo de seu fundador e a contribuição valiosa que representa para os estudiosos, fez bem em dar continuidade.

Associo-me ao pesar dos catarinenses e dos estudiosos e louvo a iniciativa do prosseguimento do órgão.

Marcello de Ipanema

Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Prof. da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Prof. da Pont. Univ. Católica do Rio de Janeiro
Prof. da Secretaria de Educação da Guanabara
Diretor da Faculdade de Comunicação Helio Alonso - FACHA"

São estes, os estímulos que nos animam em levar de vencida a tarefa a que nos propuzemos ao continuar editando «BLUMENAU EM CADERNOS»

VIVEU PRATICANDO O BEM

IRMÃ ALOYSIANIS

Faleceu às 20 horas e 15 minutos do dia 29 de abril, em Blumenau, a Rdma. Irmã Aloysianis após 54 anos de árduos trabalhos no Hospital Santa Isabel.

Nasceu a Rdma. Irmã, no dia 29 de agosto de 1893, em Bochold, na Alemanha, cidade próxima a fronteira com a Holanda.

Em 1914, diplomou-se como enfermeira. Quando irrompeu a primeira guerra mundial seguiu para a linha de frente russa, onde prestou assinalados serviços aos soldados feridos em combate. Sofreu grave acidente, ferindo-se na palma da mão esquerda. Esse ferimento, obrigou-a, mais tarde, a amputar o seu ante-braço para salvar sua vida.

Em 1919, terminado o conflito europeu, ingressou na Ordem das Irmãs da Divina Providência, disposta a dedicar toda a sua vida, no alívio de alheios sofrimentos. Em companhia do Dr. Jungbluth veio ao Brasil para servir em Blumenau, no Hospital Santa Isa-

bel. Neste hospital instalou o primeiro aparelho de Raio X, já que para tanto possuía um curso de especialização.

Sua capacidade de trabalho, seu interesse e abnegação no atendimento dos doen-



tes, fez com que em breve, fosse nomeada Diretora do Hospital, no qual, dedicou toda a sua existência.

Pelos seus grandes méritos e zelo apostólico, a Câ-

mara Municipal, concedeu-lhe o título de cidadã blumenauense. Por ocasião da entrega do honroso título, agradecendo muito comovida, a Irmã Aloysianis pronunciou as seguintes palavras: «Vim, para Blumenau, esperançosa de cumprir o meu ideal de servir a Deus e ao povo, como enfermeira. Isso só foi possível, graças à compreensão e à colaboração geral. Vi crescer Blumenau e seus filhos nestes últimos quarenta anos, compartilhando do seu sofrimento e, também de suas alegrias. É por isso que aceito, emocionada, este título

por demais honroso, que acabais de me conferir. Humildemente agradeço às autoridades e ao povo, pedindo a Deus forças para continuar trabalhando por Blumenau.

Irmã Aloysianis, com a sua morte, deixa um imenso vazio, não só no Hospital Santa Izabel, mais sim, nos corações de muitos humildes que por ela foram tratados com abnegação, amor e muito carinho. Paz a sua boníssima alma! Que Deus a tenha na glória celestial.



O nome do atual município de Indaial, teria se originado da “Indaiá”, vulgarmente chamado coqueiro. Atualmente, estas plantas ou árvores são ainda encontradas no Distrito de Apiuna.



A comunidade Evangélica de Itoupava Central, prestou à 31 de março último, significativa homenagem ao Rdo. Pastor Adolf Prinz, em virtude do mesmo, aos 55 anos e após 40 anos de atividades evangélicas, se despedir de suas atividades de pastor. Foi durante longo período pastor nas comunidades de São Bento do Sul e Brusque. Ultimamente vinha servindo na comunidade de Itoupava Central de onde agora se despediu.



A colonização de Rodeio ocorreu por volta de 1875, quando uma leva de imigrantes italianos e austríacos vindos do Tirol, Veneza, Genova, Cremona, Bréscia, Treviso e Austria, em número de 120 famílias, se estabeleceram na picado de Rodeio. Entre as primeiras famílias chegada à Rodeio podemos salientar as de Antônio Uller, Giusepe Pacher, Giorgio Stutzer, Guerino Frainer e outras.



Orações e Benzimentos

C. Gaertner

Religião e magia estão intimamente associadas. Religião é a submissão ao Ser Supremo. Magia é a tentativa de submeter os poderes da natureza.

O nosso sertanejo, ignorante, recebendo dos missionários franciscanos tinturas de ensinamentos religiosos, e tendo verificado a existência de uma série de fenômenos, então cientificamente negados e hoje admitidos com a roupagem nova de parapsicológicos, descambou para a magia. Procurou dominar a alma das coisas.

A oração e o benzimento são atos de magia, pois pretendem obter benefício de uma supra-normal. Com a oração busca-se obter, através da mediação do santo milagroso, um favor determinado independente do mérito. Com o benzimento procura-se a submissão de entidades ou de forças desconhecidas para a realização de um ato desejado, geralmente benéfico e altruístico.

Assim, os nossos caboclos do planalto catarinense, nas primeiras décadas do século, utilizavam largamente as orações como fórmulas mágicas para se protegerem e para proteger pessoas, animais e plantas.

Tinham benzimentos oracionais para dores (de cabeça, de barriga, de ouvido, de garganta, etc.), para a contração espasmodica facio-bucal (ar), para a dentição infantil, para eliminar papos, inguas e verrugas, para estancar hemorragias, para rendiduras musculares, sol na cabeça, quebranto, etc. - Individualmente as orações teriam a virtude de defende-los dos inimigos e dos animais peçonhentos, de lhes «fechar o corpo» contra ferimentos de ferro e chumbo, de lhes permitir andarem incólumes, sobre o braseiro da fogueira de São João, e de protege-los contra as tentações do Coisa-Ruim. - Benziam os animais para curá-los das bicheiras, bernes, carrapatos, micuins, verrugas e dores-de-barriga. - Benziam as lavouras para livrá-las das formigas, cupins, gafanhotos, coruquerês, lagartas e pulgões.

Os historiadores da campanha do Contestado observaram esse fato e recolheram muitas dessas orações encontradas em patuás, e mui-

tos textos foram publicados. Uma das orações, para se levar ao pescoço e ser rezada à noite, era a seguinte: - "Senhor meu crucificado,/ Filho da Virgem Maria,/ Livrai-me por esta noite / E amanhã por todo dia,/ Meu corpo não será preso,/ Nem meu sangue derramado,/ Nem por faca, nem por chumbo,/ Meu Senhor crucificado."

Sérgio Coelho, Paulo Roberto Cardoso Gomes e Eduardo Godoy Figueiredo, repórteres de "O Estado de São Paulo", que coletaram dados e pesquisaram ambientes e testemunhas para recordar o sessentário daquela campanha, publicaram uma versão da oração do Anjo Custódio, considerada pelos sertanejos como invocação poderosa para expulsar o Coisa-Ruim.

Obtive dela uma outra versão que me foi dada por dona Lina Alves Pereira, mãe daquele Chico Lino que, a 4 de janeiro de 1915, num arremedo caboclo das Termópilas, defendeu, com um punhado de vaqueanos, o Passo do Leandro, no Rio Correntes, contra mais de duzentos jagunços.

A oração destinava-se a ser portada em patuá, e também para ser rezada como ladainha. Um pessoa puxava a reza, fazendo as perguntas, e o côro respondia, cada resposta recapitulando as anteriores em sentido inverso, Ei-la: - "-Anjo Custódio, amigo meu! - Custódio sim, amigo não! - Diga-me uma. - Uma é a Casa Santa que está em Jerusalém onde Cristo morreu por nós, Maria, José, amém." - "Anjo Custódio, amigo meu! Custódio sim, amigo não! - Diga-me as duas. - Duas são as Tábuas de Moisés, onde Cristo pôs os pés; uma é a Casa Santa que está em Jerusalém, onde Cristo morreu por nós, Maria, José, amém." - "Anjo Custódio, amigo meu! - Custódio sim, amigo não! - Diga-me as três. - Três são as pessoas da SS. Trindade; duas são as Tábuas de Moisés, onde Cristo pôs os pés; uma é a Casa Santa que está em Jerusalém onde Cristo morreu por nós, Maria, José, amém."

E seguem-se, na mesma modalidade: os 4 evangelistas Marcos, Mateus, Lucas e João; as 5 chagas da N. S. Jesus Cristo; os 6 dias da Criação do Mundo; os 7 sacramentos; as 8 Bemaventuranças; as 9 Coroas de Anjos; os 10 Mandamentos da Lei de Deus; as 11 mil Virgens; as 12 Tribus de Israel; e os 13, Jesus com seus discipulos.

O décimo terceiro refrão é encerrado assim: - "Anjo Custódio, amigo meu! - Custódio sim, amigo não; - Diga-me os treze. - 13 são Jesus e os seus discipulos; 12 são as Tribus de Israel; 11 são as onze

mil Virgens; 10 são os Mandamentos da Lei de Deus; 9 são as Coroas de Anjos; 8 são as Bemaventuranças; 7 são os Sacramentos; 6 são os dias da Criação do Mundo; 5 são as chagas de N. S. Jesus Cristo; 4 são os evangelistas Marcos, Mateus, Lucas e João; 3 são as pessoas da SS. Trindade; duas são as Tábuas de Moisés, onde Cristo pôs os pés; uma é a Casa Santa que está em Jerusalém, onde Cristo morreu por nós, Maria, José, amém. Sete raios tem o Sol, outros tantos tem a Lua, retira-te Satã, que esta alma não é tua.

Mas, pergunta-se agora, onde se originaram estas curiosas orações? É evidentemente que não são de criações dos «monges» que palmilharam o sertão, porque elas lhes antecedem e encontravam-se, também em muitas outras regiões do País. É possível que algumas sejam autoctones. Mas, cremos que, em sua maioria, imigraram com os portugueses e espanhóis.

Citemos uma oração de benzimento coletada em nossa região:- «São Pedro e São Paulo foram a Roma. Encontraram Jesus Cristo que lhes perguntou: - São Pedro e São Paulo, que novidades há pelo mundo? - Senhor Deus, a novidade que há é gente morrendo de erisipela e de enxagueca. - São Pedro e São Paulo tornai atrás, ide curar essa gente. - Senhor Deus, com o que curaremos? - Curai com azeite doce e lã de carneiro preto, em nome de Deus e de São Virtuoso».

Confrontemo-la, agora, com a que se encontra no Capítulo V, Livro VI, de «Os Miseráveis», de Victor Hugo, in-fine: - «A Virgem Maria andava pelos campos, chorando, a procura de Deus e encontrou São João: - São João, de onde vem o senhor? Venho de Ave-Salus. - Não viu se Deus está por lá? - Está na árvore da cruz, com pés pandendes, as mãos pregadas e um chapeuzinho de espinho na cabeça. - Quem rezar isto três vezes à noite e três vezes de manhã, ganhará, no fim da vida, o paraíso.»

Este final é do «Padrenossinho branco» que, segundo Hugo, estava escrito por cima da porta do refeitório de um convento em começos de 1800.

Mas, esse «Padrenossinho» não terá, também, alguma relação com o «Padre-nosso pequenino» do nosso sertanejo? - Ei-lo: - «Padre-nosso pequenino / Nos ficou para doutrina,/ Lis do monte, lis da fonte,/ O inimigo não me encontre,/ Nem de dia, nem de noite,/ Canta o galo, vem a luz,/ Um dos anjos faz a cruz,/ Mãe de Deus, amém Jesus.»

Assim, ao que nos parece, esses costumes, os atos de magia, simpatia e benzimento oracional, ou, se preferirdes, essas tolas superstições, não são criações do nosso sertanejo, mas lhe advieram como a tradição religiosa daqueles aventureiros que cruzaram o Atlântico em busca das fabulosas riquezas do país de Ofi e da lendária fonte da Eterna Juventude,

NASCIMENTO DO ALFABETO

Por Gustavo Konder

Apesar dos tremendos esforços dos cientistas, ainda não se conseguiu determinar, com exatidão, a época do aparecimento do primeiro alfabeto, todavia afirma-se que 6.000 antes de Cristo, foram encontrados, na península do Sinai, no lugar chamado Serabit-Khanen, 16 textos escritos em língua semítica, representando 27 letras diferentes.

Pelo ano de 500 AC., a Grecia utilizava o alfabeto fenício, que tomou feição próprio no século IV, com a formação definitiva do alfabeto jônico, composto de 24 letras e que ainda hoje é utilizado.

Durante muitos séculos, a Antiguidade não conhecia uma forma absolutamente exata de comunicar ou registrar as palavras fonéticas. Existiam, entre vários povos antigos, diversas formas de escrita, mais ou menos iguais, porquanto se baseavam na ideografia (representação das idéias por meio de pinturas ou de desenhos). Esse processo foi-se aperfeiçoando aos poucos, culminando assim no verdadeiro elemento fonético, figurando pela escrita: cuneiformes, que significavam em forma de cunha. Não era nem papel, nem pergaminho, o material empregado era argila mole, pois nesse barro faziam a impressão de seus toscos desenhos em forma de cunha e depois colocavam os moldes ao sol para secar. Era assim que «eles» publicavam seus livros. Os antigos egípcios, que possuíam um padrão cultural bem elevado, já há 6.000 Ac., tinham uma escrita muito adiantada e aperfeiçoada. As anotações de variada época eram esculpidas em pedra ou desenhadas em róis de papiro. Foi através desses escritos que se teve notícia dos feitos e da cultura dos primitivos egípcios e de outros povos do Oriente Médio. Durante longo tempo, porém, zombou dos esforços inauditos dos historiadores para decifrar a escrita hieroglífica, que se compõe de símbolos figurados e letras imaginárias. Coube ao sábio francês Champolion, depois de 20 anos de fatigantes pesquisas, a Ciência, porque permitiu uma avaliação mais exata da vida e atividade de um povo civilizado antigo, cuja obra ainda hoje nos causa admiração.

Os antigos egípcios chamavam as suas escolas de estre-

barias de ensino e seus professores, instrutores nas estrebarias educacionais. Ali se sentavam, ensinando pacientemente a seus rebeldes cavalinhos, isto é, aos alunos, a maneira de se conduzirem através do campo difícil e pouco comum dos hieróglifos egípcios.

Cada sinal alfabético era representado por um desenho, de animal, de planta, de uma casa, de um bote ou de qualquer objeto familiar. Era uma maneira de escrever muito complicada, que consumia grande quantidade de tempo e de espaço. Precisava-se de muitas figuras para representar um simples nome, e os nomes egípcios, em geral, eram compridos encadeamentos de várias figuras representativas.

Deve ter sido uma fatigante tarefa para os rapazolas egípcios pôr por escrito as sábias sentenças de seus sacerdotes, em seus livros de cópia, que eram compridos róis de papiro.

A invenção da escrita foi um dos primeiros marcos da história, assinalando o começo da verdadeira civilização. E no entanto, é bem curioso, os reis antigos opuseram-se abertamente a escrita. «É uma grande inimiga da educação», proclamou o imperador Tamoz, e ainda afirmou que «as crianças se fiarão demasiada nas recordações escritas e não se darão ao trabalho de guardar de memória aquilo que lhes fôr ensinado».

De certo modo, a critica do rei Tamoz era certa. Antes da invenção da escrita, existiam homens de prodigiosas memórias e era comum um rapaz recitar de cór um poema épico, coisa de mais de 500 ou 600 páginas.

Seja como fôr, os antigos inventores da escrita foram os pioneiros da educação moderna.

Os primitivos escribas gostavam de agir e de pensar em grande escala. As estátuas egípcias medem mais de 27 metros. Dizia-se que os reis babilonicos haviam vivido 36.000 anos: e os primeiros livros do mundo foram gravados em colossais monumentos de pedra ou de mármore. Alguns desses «livros», como a sumeriana Epopéia de Gilgamesh e a história dos Faraós, pesavam muitas toneladas cada uma. Não somente os «livros antigos», mas as letras também eram escritas em tijolos de argila ou de pedra polida.

Um antigo rei teve uma brilhante idéia. Achou que era necessário enviar uma mensagem secreta à um aliado estrangeiro, mas não tinha soldado ou escravo a quem considerava suficientemente honesto para confiar semelhante tarefa. Mandou então chamar um dos seus escravos e ordenou que lhe raspassem a cabeça tatuando em seguida a mensagem no couro cabeludo do escravo. Depois esperou o cabelo crescer para então enviá-lo à sua missão no estrangeiro. Quando o escravo chegou a salvo ao palácio do aliado, comunicou ao poderoso senhor a ordem que havia recebido e que foi a seguinte: «O rei Cianaxes fêz como ele lhe havido ordenado e logo leu a secreta mensagem, marcada no couro cabeludo, o infeliz escravo sentiu-se muito orgulhoso e feliz, ao lembrar o papel importante que estava representando nas relações amistosas daqueles dois poderosos reis, mas o seu orgulho e a sua felicidade foram de pouca duração, porque a carta continha um post-escrito que o ingenuo escravo ignorava. Era este o post-escrito: «Logo que acabardes de lêr essa carta, cortai fóra a cabeça na qual está escrita».

O alfabeto é palavra que teve origem em alpha - primeira letra dos alfabetos grego e siriaco - e beta - segunda letra do alfabeto grego.

A Academia de Ciências de Paris chegou a interessante conclusão de que existem no mundo cêrca de 2.985 línguas e 3.000 dialetos. Uma verdadeira Torre de Babel, segundo disse a Bíblia, que sem anifestou na confusão de línguas entre os que a edificavam.

Afirma se que o idioma mais falado no globo é o chinês. Houve quem dissesse que os chins, dispostos em coluna por dois dariam uma volta à Terra...

BIBLIOGRAFIA :- *“Histoire P. du Genre Humain”, de Fabre d’Olivet; Dicionário Enc. Brasileiro; “The Wonder Book”, de Henry Thomas; “10.0000 Jahre Schaffen und Forschen”, de Bruno Kaiser; e “Almanaque Eu Sei Tudo” de 1954, paginas 223/28.*

POMBOS EM BLUMENAU

Wolfgang Gielow

Paralelamente à imigração, tiveram os imigrantes inicialmente o cuidado voltado para os problemas imediatos que iriam enfrentar na nova terra, ainda virgem, com centenas de obstáculos pela frente.

Não poderia ser diferente, do que, acautelar-se contra os possíveis ataques dos nativos, problemas com as mais variadas doenças. acentuadamente as tropicais, em virtude das condições favoráveis e presença de insetos.

E, para transpor tais obstáculos, não poderiam se descuidar, trazendo inicialmente em sua bagagem o todo necessário, entre homens com conhecimentos dos diversos problemas, bem como os respectivos meios e ferramentas.

Mas os anos do estabelecimentos dos emigrantes em Blumenau foram passando, as dificuldades primárias superadas, surgindo a oportunidade para outros afazeres, nos quais encontraríamos a cultura e junto a esta podia-se notar presente a recreação.

Muitas vezes se ouve alguém dizer, mesmo nestes dias que atravessamos, onde o homem está sendo substituído parcialmente pela máquina, «não é só do trabalho que vive o ho-

mem».

As palavras - cultura e recreação - são um tanto vagas, dando oportunidade a muitas coisas que o homem pode fazer para o seu aprimoramento, conhecimento e prazer.

Com a evolução da colonização, os emigrantes, começaram a se dedicar a passatempos prediletos, dos quais hoje nos dá oportunidade a observar a existência de várias sociedades de tiro ao alvo, bolão entre as muitas, são as que mais se fixaram no nosso meio.

Mas, nem todos eram adeptos destas recreações, e com a evolução, contato com outros centros, surgiu a oportunidade para aqueles, cuja tendência não era outra, que a de se dedicarem a criação de aves, e outros animais domésticos, os quais muitas vezes além de úteis servem de lazer ao homem.

E dentre as espécies escolhidas, tida como recreação não visando unicamente um fim econômico, encontramos a cultura do pombo. Ave, que mundialmente, representa o símbolo da paz.

Várias, foram as famílias que

cultivavam o pombo, de início os «comuns», conhecidos em nosso meio, (atualmente) com outras denominações vulgares como «pombos caseiros» - (Hausstauben).

Assim se fixou em nosso meio, este lazer, onde encontramos criadores destas aves em número bastante acentuado, e adeptos nas diversas camadas de nossa comunidade.

Retrocedendo nos tempos, quando ou quase nada se conhecia das raças, onde pombo era pombo, e os mesmos eram criados nas condições mais primitivas, tanto em relação a habitação como na alimentação, seus apreciadores além de sua criação se dedicavam a outros divertimentos. Entre estes, conta-nos um cidadão, hoje com seus sessenta anos, que várias famílias, residentes no bairro da Velha mantinham e criavam pombos. Residiam próximos uns dos outros, e normalmente, o que é hábito destas aves, pela manhã iniciavam sua cosmeira revoada, com o ruflar de suas asas, anunciando mais uma aurora,

desprendendo de si a alegria, fazendo as mais variadas evoluções pelos ares. E entre estas revoadas, diversos bandos, de criadores diferentes se juntavam, formando um só, continuando com suas demonstrações de verdadeiros acrobatas do ar, e após sentirem-se exaustos com seus exercícios voluntários, separavam-se, retornando as suas casas ou pombais de origem. No entanto nestes retornos, alguns menos inteligentes, ou por outro lado atraídos por outro pombo do sexo oposto, com a finalidade de acasalamento, mudavam de lar, cuja ausência era notada pelo seu proprietário. Mas com o passar dos tempos, um tradicional comerciante no bairro, ensinou um novo método ao nosso amigo acima, para atrair pombos de outros criadores para seu pombal. A primeira tentativa foi feita, e o resultado também foi positivo, porém outros criadores ao tomarem conhecimento deste «segredo», e teve início um verdadeira competição entre os columbicultores daquela época cada qual procurando capturar o maior número de pombos do outro, para depois num encontro, principalmente aos domingos, fazerem entre si, numa roda de bons amigos, o balanço dos pombos perdidos e aprisionados durante a semana.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Orgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA Dr. BLUMENAU

Direção: F. C. Allende

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00

Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425

89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

O Marechal Francisco José Soares de Andréa, Barão de Caçapava

(Dos «Alfarráblos» de José Mendes da Costa Rodrigues)

Um dia, estando o general de Andréa redigindo um officio, em Porto Alegre, quando presidente da Provincia do Rio Grande do Sul, compareceu em sua presença um soldado solicitando uma graça. Sem deixar de escrever, disse-lhe o general: «Meia volta à direita! Alto! Em frente . . . O soldado executou a manobra e ficou firme.

Algum tempo depois, quando o general cabou o officio, olhando para o salão deparou com o soldado, ao qual perguntou: «Que fazes aí?». Estava à espera da ordem de marchar», respondeu o soldado. O Barão sorriu e concedeu a graça que o bom do soldado solitára.

Declarou-lhe um outro soldado que não podia estar alistado no exército e marchar para a fronteira, por ser português. O Barão Andréa riu-se e respondeu:

«Se voce é galego,
Eu também o sou.
Vá para a fronteira,
Que eu já lá vou».

Francisco José Soares de Andréa, nasceu em Lisboa em 29 de janeiro de 1781 e pereceu no Rio Grande do Sul em 2 de outubro de 1858.

Em 1839, sendo presidente deste Estado de Santa Catarina o Brigadeiro Pardal, velho de mais de 60 anos de idade, natural de Portugal, achando-se a Vila da Laguna fortificada com navios de guerra, um batalhão de primeira linha e comandado pelo Tenente-Coronel Villas

Boas, um esquadrão de cavalaria de rio-grandenses; um destacamento de praças da Guarda Nacional de mais de 200 homens, dos quais era instrutor geral o capitão Francisco de Assis Feijó e Silva, marido de minha prima-irmã Leocádia Bernardina da Costa, que ainda vive na cidade do Desterro com 86 anos de idade, no dia de Santo Antônio, 13 de junho do dito ano de 1839, entrou Felipe Canabarro com meia dúzia de seus patrícios rio-grandenses e tomaram conta da terra. Proclamaram a República Juliana, elevando a vila à Capital da República. Tudo fugiu como por encanto. O meu primo e a família e muitas outras famílias escaparam no barco de guerra denominado «Cometa». Eu achava-me no Desterro há um mes, quando se tocou rebate e acudindo o povo a tomar armamento. também tive o meu quinhão e ficamos aquartelados no armazem do comendador Marcos Antônio de Silva. Mafra. Contar esta comédia seria um nunca acabar. Nessa época ainda o dito Mafra não era comendador; esta distinção obteve muitos anos depois e quando o irmão José da Silva Mafra foi eleito senador, sendo nessa época secretário do presidente Pardal.

O partido liberal dava vivas à república por todos os recantos da cidade. José Antônio Rodrigues Pereira, então juiz de paz, marido de minha prima-irmã Maria Carolina da Costa, era um dos chefes da revolta. Francisco Duarte Silva, João Francisco de Souza Coutinho, Joaquim Cardoso, Neves e quase todos em geral...

Quando a comédia estava assim tão bem representada, em um belo dia do último de junho, em que Eolo soprava com força desabrida do quadrante do sul, aportou à Praia de Fora um escaler de guerra (4 horas da tarde) e dele desembarcou um personagem envolvido em um casacão, boné e bengala, com um soldado da armada (marinheiro). O escaler regressou para o vapor de guerra fundeado em frente e chegado a essa hora do Rio de Janeiro, não podendo romper a ventania. O personagem tomou a rua que vem ter à cidade. Durante o trajeto mandava aos que encontrava: «Tire o chapéu, que sou o general Andréa, Presidente desta Província!».

À noite examinou a cidade, revistando todas as guardas. No dia seguinte tomou posse do governo e despediu o secretário Mafra e o Ajudante de Ordens Conceição. Empossou o Tenente-coronel Mattos de secretário e o Major Encerrabode, ajudante de Ordens, vindos em sua companhia.

O vapor tomou posição em frente à praça e despejou em terra as forças de primeira linha de terra e mar. Corre por certo que eram mais de 400 homens.

Mandou chamar o meu primo José Antônio e lhe disse: «Ou um par de machos a bordo do vapor, ou a conclusão da comédia». O meu primo preferiu estar junto dele diariamente. Prestou relevantes serviços ao governo, como geralmente a todos que recorreram ao seu patrocínio, tornando-se leal amigo do general presidente. O mesmo fez ao Tenente-coronel Francisco Duarte Silva e ao major João José de Castro, os quais preferiram ir para a fronteira (Morro dos Cavalos) do que para o porão do vapor de guerra. Todos abraçaram este sistema de repelir os invasores e resgatar a cidade de Laguna. Para conseguir este desiderato, organizou o Batalhão provisório do Desterro 1), composto de oito companhias (800 moços escolhidos nos corpos da Guarda Nacional) que depois de bem disciplinados embarcaram num vapor de guerra e foram saltar na Freguesia da Enseada de Brito e no dia seguinte seguiu escoteiramente para a campanha da Laguna, incorporando-se em Vila Nova com o exército composto de dois batalhões de linha e dois esquadrões de cavalaria, tirados da Guarda Nacional.

O Batalhão provisório, com a cavalaria riograndense, seguiu a resgatar a freguesia de Imarui, que foi evacuada pelas forças de Canabarro e ali ficou estacionada até que regressaram à cidade de São José. Desta tornaram a marchar para a Laguna e dela para o Rio Urussanga, onde estava acampada a primeira brigada de linha que tinha atacado a cidade da Laguna, dando ataque por terra e por mar a Esquadra de Guerra composta por vários navios e lanchões bem armados com peças de rodísio. Houve bastante mortandade de gente de parte a parte ocasionada pela fortaleza da barra e vasos de guerra comandados pelo herói italiano Garibaldi e outros caudilhos e facinorosos, que degolaram a pessoas de consideração, entre elas o Tenente-coronel Francisco José Gonçalves Barreiro, ao Padre Vigário que foi capado e degolado, assim «mesmo» o Alfredo José Carlos. O Batalhão provisório chegou à noite (10 horas) em Vila Nova, indo junto o Presidente Andréa. Foi aquartelado na Igreja matriz de S. Anna. Nessa ocasião os guardas avançados foram atacados, houve grande estardalhaço de tiros e a coluna teve ordem de formatura (alarme).

Quando Apolo iluminou este planeta rotundo, tiveram os tristes soldados ordem de descanso. Então vários corpos foram sepultados. O general Andréa com os seus colegas, depois de dar as suas ordens, regressou ao seu palácio,

O Batalhão do destêrro quando esteve próximo de Urussanga, em Campo Bom, teve a ordem de regresso, com referencia de passarem para o Batalhão da Serra, os praças que quisessem jurar bandeira, as promessas eram adocicadas e bem temperadas, de forma que muitos se entusiasmaram, entre eles me recordo de João Goiz do Livramento -

Fernando Antonio Cardoso - João Antonio Cardoso - Fernando de Souza Machado, que acabou sua resistencia na ponte de «Itororó» no Paraguai. O Batalhão já estava reduzido à metade de seu pessoal, tendo desertado a metade na Freguesia de Maroin, onde casaram com a filhas dos lavradores, visto que a metade era da ilha de São Miguel e S. José.

A metade do Batalhão regressou destacado para Laguna, em cuja época foi o General Andréa substituído pelo Brigadeiro Austero José Ferreira de Brito, que foi concedendo regresso aos praças do Batalhão do Desterro a seus corpos do G. N. Isto foi uma gorda teta para os moradores!... O restante que seus pais não podiam fazer despesas com papéis, tiveram ordem para a Barra do Sul da ilha de Sta. Catarina cavarem (de enchada e pá) o canal da Independencia!

Pobres e desvalidos ainda gramaram mais este martirio, quando foram acometidos do mal da terra, uns foram doentes para o pobre lar de seus pais e outros foram sepultados no cemitério da Freguesia da Enseada de Brito'

Tais são as causas deste mundo de puro engano!... O general Andréa pouco tempo administrou esta provincia. O seu governo durou um ano, mais ou menos, e substituído pelo Brigadeiro Austero José Ferreira de Brito. Durante o curto prazo que governou, não obstante o calamitoso estado da Provincia, sendo-lhe preciso ocupar grande tempo com os negócios da guerra, afim de resgatar a Vila de Laguna do poder dos Rebeldes do Sul, contudo deixou melhoramentos dignos de memória, os quais deixo de nomear, pois constam da legislação das Leis Provinciais e a sua Folha à Assembléa Provincial. Foi conhecido pelo povo com o nome proverbial de «Tio Chico»! Em razão de certos fatos que se deram durante a sua estada. Logo que ele começou a governar, um portuguez de nome Joaquim Coelho, conhecido por «Pé Leve», negociante, se introduziu no palácio, denunciando os naturais do país como os Farrapos perigosos. O General Andréa lhe disse: «meu patricio, lhe encarrego de uma missão; vá quanto antes, me traga os nomes de todos esses farroupilhas, que não escape um único» O meu afamado labrego saia de palácio e tratou de relacionar quase todos os brasileiros mais notáveis da época. Não levou muitos dias que não se apresentasse em Palácio carregado como um asno com a papelada.

O General Presidente lhe perguntou: «patricio, os farrapos estão todos aqui ou lhe escapou algum?» O «Pé Leve» respondeu: «estão todos quantos há!» O Presidente tocou a campainha, acudiu um criado e o General disse: «traga uma vela acesa. Logo que veio a luz, o Presidente disse para o «Pé Leve»: «ajude-me a queimar os farrapos! Con-

cluida a operação disse Andréa: "estão os farrapos queimados, não há mais nada a recear deles, o meu patrício raspe-se, não me tome mais o tempo!" O audulador desceu as escadas desnorteado e tratou de se retirar para o Rio de Janeiro com a família, vendendo as fazendas e o sobradinho da rua do Príncipe, próximo ao mercado. A adulação tem princípios doces e fins amargos.

Mais fere a lingua do adulador, que a espada do perseguidor. O adulador é um mentiroso desprezível quase sempre mercenário. A adulação é um mel envenenado, que adoça os arredores dos eminentes empregos. Os aduladores fazem sempre seu negócio com os grandes, como os médicos, com os enfermos imaginários. Estes pagam por males que não tem, aqueles por virtudes que deverão ter. (Bastos).

O General Andréa ocupadíssimo como andava com os negócios da guerra e mesmo não sendo jurisconsulto, porque os seus estudos eram de matemáticas, proferiu o seguinte laconico despacho: Visto estar tão ao fato das leis, tem licença para advogar! Outro que fez uma petição, requerendo a lei que o autorizava a mandar fazer tal ato que mencionava deferimento. Procure nas Folhinhas um sujeito que quero com devoluto defiro. Peça ao dono? E assim laconicamente ia contando toda a chácara. O Presidente Andréa era muito amigo do Coronel Joaquim D'Almeida Coelho, que morava próximo a Igreja matriz. Quase todas as noites ia tomar chá e gozar o prazer de ver tocar piano e cantar suas honradas filhas. Um belo dia ordenou ao ajudante de ordens que fosse buscar o filho do seu amigo, comparecendo este, mandou sentar praça. À noite foi à casa do seu amigo e achando este e toda família em lágrimas, pos-se a rir, dizendo: «admiro-me que o homem por eu fazer feliz seu filho, esteja a chorar!» Na verdade poucos dias levou que na gola e no penacho da farda não surgisse com a borda de retrós de ouro!

Muitos outros fatos se deram, que deixo de narrar, assim como o do meu primo João da Costa Pereira, que era muito doente, tendo duas fontes abertas, uma em cada braço. Indo à inspeção, pedindo ser passado para a reserva da G. Nacional. O próprio Presidente examinou as fontes, e proferiu na petição este despacho:

«Isento de todo o público serviço de mão e terra»!

Os Primórdios da Luz Elétrica em Blumenau

Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1910 apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente

No meu relatório anterior já acentuei a necessidade de modificar-se o contrato estipulado com o Sr. F. G. Busch, sobre a iluminação pública das ruas desta cidade por luz elétrica. Pelo primeiro contrato lavrado na base da Resolução nº. 43 de 14 de janeiro de 1908, foi concedido ao empresário privilégio do fornecimento de força e luz elétrica no perímetro urbano pelo prazo de 25 anos, obrigando-se ele a colocar pela anuidade de Rs. 5.500.\$000 cem lampadas de 25 velas cada uma, funcionando durante seis horas por noite. Em 1910, porém, o Snr. F. G. Busch estabeleceu no Gaspar Pequeno, uma importante usina geradora de eletricidade, que faculta, em larga escala, o fornecimento de força e luz a preços mais módicos. Em consequência disso, a Municipalidade podia estipular um contrato mais favorável aos consumidores particulares e à Municipalidade, a que fui autorizado por resolução nº. 50 de 15 de outubro de 1910.

Neste contrato foi concedido à empresa do Sr. F. G. Busch, a extensão de seu privilégio para além do perímetro urbano, até a casa do Sr. Specht, Itoupa-va Seca até aonde também se estendeu a iluminação pública, colocando-se por enquanto 215 lampadas de 25 ve-

las cada uma, funcionando durante doze horas por noite pela mensalidade de Rs. 2\$500 por lampada, o que equivale a Rs. 6\$450 anuais. Ficou, portanto, redobrado o número de lampadas e das horas de funcionamento ao passo que, as custas da iluminação pública apenas aumentaram de 960\$ ou cerca de 10%.

É, portanto, evidente que a municipalidade tira do novo contrato. O empresário obriga-se ainda a colocar duas lampadas de 100 velas cada uma para a iluminação do porto e 12 de 25 velas cada uma para a do paço municipal. Para a iluminação ser levada a Itoupava Seca, concedeu-se um auxílio pagável uma só vez no valor de Rs. 1.200\$000 ao empresário que tem de instalar a iluminação pública a suas próprias expensas, correndo, porém, a substituição de lampadas por conta do erário municipal. A pedido do superintendente, o empresário aumentará o número de lampadas nas mesmas condições.

Quanto a iluminação particular, foram combinadas as seguintes estipulações: a vela custa 100 réis por mes, a kilowat hora 600 réis, enquanto o número total de lampadas de 25 velas, não atingir a 1.500, 500 réis, enquanto o número for maior do que 1.500 e menor do que 2.500, 400 réis, logo que o número total exceder de 2.500. O kilowate hora de força, paga-se 200 réis. Logo que os motores empregados produzirem mais de 50 cavalos, o empresário fica obrigado a fornecer força dia e noite, com exceção do meio dia até uma hora. Para se evitar, enquanto for possível toda e qualquer interrupção do serviço, foi contrato que o empresário montasse mais uma segunda turbina, até o dia 10. de julho de 1911.

Em geral é obrigado a sempre satisfazer as necessidades de luz e força e ampliar a sua uzina, se for necessário. Peço ao Conselho Municipal, considerar a aplicação da eletrecidade a tração das barcas (balsas) de passagem da cidade e da Itoupava Seca.

A L V I N S C H R A D E R

Superintendente

PETER WAGNER

O pioneiro da Colonização do Vale do Itajaí - Blumenau

Alguns dados sobre Pedro Wagner, o pioneiro da colonização alemã em Blumenau, e de quem se inaugurará um busto, na Rua Itajaí, defronte à Sociedade «Caça e Tiro», no dia 25 de julho, «Dia do Colono»

Pedro Wagner, - Um dos colonos de São Pedro de Alcântara, que se mudou para o Vale do Itajaí, estabelecendo-se no Capim Volta, anteriormente em 1850.

Foi um dos poucos senhores de escravos de Blumenau. O ano de sua vinda para Blumenau, ou melhor para Capim Volta foi, segundo alguns autores, em 1848.

Nasceu em Burbach bei Saarbruecken, na província do Reno, o 24 de maio de 1818.

Veio para o Brasil com 10 anos de idade, em 1828, com seus pais, que se estabeleceram em São Pedro de Alcântara.

Em 1900, a sua descendência era, de dois matrimônios; 23 filhos, sete mortos; 65 netos, destes 11 mortos; 60 bisnetos, (10 mortos); e um trineto,

Pelo seu esforço e trabalho honesto, conseguiu alcançar sensível abastança.

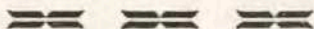
Faleceu em 23 de novembro de 1901, com a idade de 84 anos. Era sogro do Consul Carlos Renaux. Sua filha Tecla, casou-se com Carlos Paupitz; Teresa, irmã gêmea de Tecla, casou-se com Oscar Ebert; Ana, casou-se com Ernst Ulber; Clara casou-se com Otto Kaestner; Agnes, casou-se com Hermann Ulber.

Os filhos homens, Carlos, Alvin, Teodoro, Georg, Leopoldo e Arnaldo, todos também casados, ignorando-se com quem.

Somente uma demorada pesquisa nos livros da Igreja Evangélica, poderá nos dar melhores esclarecimentos.

Pedro Wagner, casou-se em primeira núpcias com Gretchen Haendchen. Ela morreu de parto. Desse primeiro casamento descendem: Gretchem, casada com Júlio Baumgarten; Dorothea, casada com o médico Dr. Bernhard Knoblauch; Catarina, casada com Heinrich Hahl; enviuvou com 3 filhos e casou-se em segunda núpcias com Augusto Germer; Gertrudes, casada com Luiz Altenburg; Luiza, casada com Fritz Björn; Maria, casada com João Schneider; Reinholdo, casou em São Paulo; Eugênio foi empregado procurador de Fernando Hackradt; no Destêrro; morreu de febre amarela; José morreu afogado. Um outro filho do qual não se sabe o nome, tudo nos leva a crêr que tenha nascido morto.

Continuaremos as pesquisas para melhores esclarecimentos.



NOVO EMBAIXADOR DA ALEMANHA

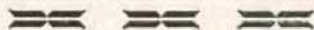
Esteve em Blumenau, no dia 16 deste mês de maio, o Exmo. Senhor Dr. Horst Roeding, novo embaixador da República Federal da Alemanha.

Sua Excelência que se fez acompanhar do Sr. Arthur Schwartz, consul da Alemanha em Curitiba e do Sr. Lindig, consul da Alemanha em Blumenau, visitou o Museu da Família Colonial, o Horto Florestal Edite Gaertner, A Bibliotéca e Arquivo Histórico da Fundação Casa Dr. Blumenau.

No livro de registro de visitantes, deixou S. Excia., suas gratas impressões, com incentivos para a continuação dessa magnífica obra que vem realizando a Fundação.

Acompanhando o Sr. Embaixador, estiveram também presentes várias autoridades das quais destacamos o Sr. Prefeito Municipal, o Sr. Comandante do 23º Batalhão de Infantaria, o Sr. Reitor da Faculdade e um oficial graduado de nossa Polícia Militar.

À noite, o Senhor embaixador recepcionou elementos do Comércio e da Indústria nos salões do Tabajara Tênis Clube.



O município de Brusque está situado no Vale do Rio Itajaí, às margens do Rio Itajaí Mirim, tributario do Itajaí Açú. Tem uma área de 282 quilômetros quadrados e limita-se com os municípios de Gaspar, Guabiruba, Botuverá, Nova Trento, Canelinha, Tijucas, Camboriú e Itajaí. Sua sede está a 21 metros acima do nível do mar, sendo seu ponto culminante o Morro da Batea, com 350 metros de altitude. Sua população atual é de 38 000 de habitantes, sendo que 90% estão concentrados na zona urbana.

COMPANHIA INDUSTRIAL SCHLÖSSER S/A.

**Avenida Getúlio Vargas, 151 — Cx. Postal, 17 — Fone 1178
BRUSQUE — S C**



F A B R I C A M :

Fios de Algodão,

Brins,

Tecidos lisos

Xadrêses

Jacquard de algodão,

Toalhas felpudas de banho

Rosto e panos de copa

ELECTRO AÇO

ALTONA S. A.

Rua Eng^o Paul Werner, 925 -:- Fones: 22-0422 e 22-0738
Caixa Postal, 30 -:- Telegrs.: «ELAÇO»

BLUMENAU

Fundição Elétrica de Aços Comuns e Especiais Para:

Indústrias Automobilísticas

Fábrica de Cimento

Companhias de Dragagem

Fábricas de Máquinas

Equipamentos de Britagem

de Terraplenagem,

Reposição de Manutenção,

Batalhões Rodo-Ferrovários

Fábrica de Tratores

DESDE 1933

A PROCEDÊNCIA GARANTE A QUALIDADE